

## **LUZ, CÂMERA, AÇÃO: PRODUÇÕES DE NARRATIVAS VIDEOGEOGRÁFICAS SOB A LENTE DOS ESTUDANTES**

***LIGHT, CAMERA, ACTION: PRODUCTIONS OF VIDEOGEOGRAPHIC NARRATIVES UNDER THE LENS OF STUDENTS***

***LUZ, CÁMARA, ACCIÓN: PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS VIDEOGEOGRÁFICAS BAJO EL LENTE DE ESTUDIANTES***

**Geovar Miguel dos Santos**

Mestrado em Geografia – GEOPROF/UFRN

E-mail: geova17@gmail.com

**Tânia Cristina Meira Garcia**

Doutorado em Educação

Programa de Pós-graduação em Geografia – GEOPROF/UFRN

E-mail: tania\_cristina2005@yahoo.com.br

**Djanni Matinho dos Santos Sobrinho**

Doutorado em Educação

DGC/DEPTO. GEOGRAFIA – CERES/UFRN

E-mail: djannigeo@gmail.com

**Tulia Fernanda Meira Garcia**

Doutorado em Gerontologia

Escola Multicampi de Ciências Médicas – EMCM/UFRN

E-mail: tulia\_fernanda@yahoo.com.br

### **RESUMO**

As tecnologias estão presentes no cotidiano das instituições educativas, devido principalmente ao seu avanço. Dentre eles, destacam-se os *smartphones*. Este dispositivo tem a capacidade de processar dados com a mesma potência de um computador. O seu custo acessível democratizou o acesso à informação e possibilitou a disseminação de produtos digitais, tais como o vídeo. Além disso, os *smatphones*, com seus diversos aplicativos e recursos, como o gravador de voz e imagem, possibilitam seu uso pedagógico, tornando os estudantes verdadeiros protagonistas na construção do seu conhecimento. Ciente dessa prerrogativa, neste artigo descrevemos como foi elaborado um manual instrucional orientando o aluno a construir vídeos na escola, indo além dos seus muros, de tal modo que este aluno, ao realizar uma produção audiovisual está elaborando uma narrativa *videogeográfica*, tendo a oportunidade de mostrar ao mundo, o mundo sob as lentes do seu olhar. Para a produção do manual, foi realizada uma revisão sistemática e integrativa sobre o Ensino de Geografia e Vídeo, caracterizando-se assim como uma pesquisa exploratória. Foi desenvolvida uma pesquisa documental nos currículos a nível nacional e estadual, bem como aplicada uma sequência didática de forma remota com estudantes da zona rural do ensino fundamental visando testar a questão norteadora da pesquisa e verificar a eficácia da primeira versão do produto do Mestrado Profissional em Geografia - GEOPROF-UFRN, buscando melhorá-lo. Após o desenvolvimento do trabalho investigativo, constatou-se que a produção de vídeos por alunos constitui-se como estratégia eficaz para a construção da aprendizagem da geografia escolar, demonstrando a potencialidade do Manual Instrucional: aprendendo a gravar vídeos nas aulas de Geografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de geografia; vídeos; manual instrucional; anos iniciais do ensino fundamental; escola do campo.

## ABSTRACT

Technologies are present in the daily life of educational institutions, mainly due to their advancement. Among them, smartphones stand out. This device has the ability to process data with the same power as a computer. Its affordable cost has democratized the access to information and enabled the dissemination of digital products, such as video. Besides this, smartphones, with their several applications and resources, such as voice and image recorder, enable their pedagogical use, making students true protagonists in the construction of their knowledge. Aware of this prerogative, in this article we describe how an instructional manual was elaborated to guide the student to build videos at school, going beyond its walls, in such a way that this student, when making an audiovisual production is elaborating a videogeographical narrative, having the opportunity to show the world, the world under the lenses of his look. For the production of the manual, a systematic and integrative review on Geography Teaching and Video was carried out, thus being characterized as an exploratory research. A documentary research was developed on the national and state curricular, and a didactic sequence was applied remotely with students from rural areas of elementary school, aiming to test the guiding question of the research and verify the effectiveness of the first version of the product of the Professional Master in Geography - GEOPROF-UFRN, seeking to improve it. After the development of the investigative work, it was found that the production of videos by students is an effective strategy for building the learning of school geography, demonstrating the potential of the Instructional Manual: learning to record videos in Geography classes.

**Keywords:** teaching Geography; vídeos; instructional manual; elementary school; Rural School.

## RESUMEN

Las tecnologías están presentes en el día a día de las instituciones educativas, principalmente por su avance. Entre ellos destacan los smartphones. Este dispositivo tiene la capacidad de procesar datos con la misma potencia que una computadora. Su costo accesible democratizó el acceso a la información y permitió la difusión de productos digitales, como el video. Además, los teléfonos inteligentes, con sus diversas aplicaciones y recursos, como la grabadora de voz e imagen, posibilitan su uso pedagógico, convirtiendo a los estudiantes en verdaderos protagonistas en la construcción de su conocimiento. Conscientes de esta prerrogativa, en este artículo describimos cómo se elaboró un instructivo que orienta al alumno a construir videos en la escuela, traspasando sus paredes, de tal forma que este alumno, al realizar una producción audiovisual, está elaborando una narrativa videogeográfica, teniendo la oportunidad de mostrarle al mundo, el mundo bajo el lente de tus ojos. Para la elaboración del manual se realizó una revisión sistemática e integradora sobre la Enseñanza de la Geografía y el Video, caracterizándose así como una investigación exploratoria. Se realizó una investigación documental en los planes de estudio a nivel nacional y estatal, así como una secuencia didáctica aplicada a distancia con estudiantes de la zona rural de la escuela primaria, con el objetivo de probar la pregunta rectora de la investigación y verificar la efectividad de la misma. primera versión del producto Maestría Profesional en Geografía - GEOPROF-UFRN, buscando perfeccionarlo. Luego del desarrollo del trabajo investigativo, se verificó que la producción de videos por parte de los estudiantes constituye una estrategia eficaz para la construcción del aprendizaje de la geografía escolar, demostrando el potencial del Manual Instructivo: aprender a grabar videos en las clases de Geografía.

**PALABRAS-CLAVE:** enseñanza de la geografía; vídeos; manual de instrucciones; primeros años de la escuela primaria; escuela de campo.

## 1. INTRODUÇÃO

A globalização possibilitou o aumento do acesso às informações de uma forma jamais vista, isso devido ao advento da rede mundial de computadores, oportunizado pelas novas tecnologias. Com esses avanços tecnológicos, as instituições educativas tiveram cada vez mais de incorporar em seus espaços a tecnologia, modificando a sua rotina e oportunizando a inserção de novas práticas

pedagógicas, isso para atender uma formação mais próxima possível do que se espera de um cidadão do segundo milênio.

Em termos de avanços, podemos destacar o uso dos dispositivos móveis, como é o caso do aparelho celular, ou *smartphone*. Este tipo de instrumento é capaz de processar informações praticamente com a mesma potencialidade de um computador de mesa. Com ele, a pessoa tem acesso à imagens, áudios, vídeos e qualquer outro tipo de arquivo digital ou informação, possibilitando que dentro da escola, tanto o professor quanto o estudante tenha em suas mãos um dispositivo capaz de tornar estes agentes, verdadeiros produtores de conteúdo digital e de conhecimento.

Sabendo disso, destaca-se a necessidade de oportunizar aos alunos, o contato com vídeo como instrumento para o aprendizado, uma vez que estamos cada vez mais imersos em uma sociedade imagética, permeada pela disseminação de imagens, sejam elas nas redes sociais ou em outros canais de comunicação digital e até mesmo no mundo físico.

Ao compreender essas mudanças, percebendo o quanto o audiovisual pode ser utilizado na Geografia e no intuito de contribuir para o ensino e aprendizagem deste componente curricular, este trabalho tem como problematização responder à seguinte pergunta: *Como a produção de vídeos elaborados pelos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental contribui para a aprendizagem das temáticas da Geografia Escolar?*

Buscando responder ao problema apresentado, produziu-se um manual instrucional para a produção de vídeos por alunos do Ensino Fundamental, considerando os objetos do conhecimento e habilidades da Geografia propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) para o 5º ano escolar, que será apresentado e problematizado aqui. Para isso, discutiremos a respeito do Ensino de Geografia a produção de narrativas videogeográficas para possibilitar a aprendizagem dos estudantes; será explanado os preceitos teóricos, técnicos e organizacionais do manual instrucional fruto da pesquisa de Mestrado Profissional em Geografia (GEOPROF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e por fim o impacto do produto no ensino e seus desdobramentos do ponto de vista da aprendizagem. Acrescenta-se que o uso do manual aqui apresentado possibilita o desenvolvimento de diversas competências previstas na BNCC, sobretudo as que versam sobre comunicação, argumentação e cultura digital.

## 2.2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Ensino de geografia e a produção de narrativas videográficas

A Geografia, de acordo com Tonini (2006), está no espaço escolar desde o século XIX, e vem apresentando uma forte ligação do ensino dos conhecimentos geográficos com os saberes produzidos na sociedade e pela sociedade, contribuindo para a formação de uma identidade local, regional e nacional, bem como tem sido fundamental para a compreensão do mundo globalizado e das civilizações que viveram no globo terrestre.

Em decorrência das alterações na base social, ocasionado pela revolução tecnológica, crise de 1929 e as diversas intervenções do estado-nação nas sociedades, os pesquisadores e estudiosos atestam que houve uma crise na Geografia, o que a fez passar por um movimento de renovação no século XX, um destes movimentos foi o da Geografia Crítica, a qual faz uma verdadeira ruptura com os pensamentos até então vigentes. Santos (2022) destaca que dentro do contexto de renovação,

[...] tem-se uma pluralidade das geografias, fazendo emergir um horizonte humanista nesta disciplina, comportando as ditas Geografias da Percepção, Humanística e Cultural, cujas bases são oriundas da escola vidalina, a qual estuda a percepção e a cultura, com base no espaço vivido e lugar, valorizando os sentidos e os símbolos (SANTOS, 2022, p.22).

Todo este movimento de renovação adentra o espaço educacional e influencia fortemente a Geografia Escolar, modificando as metodologias de ensino deste componente. Cavalcanti (2008) aponta que, neste sentido, surgiam ideias e caminhos alternativos no âmbito da Geografia.

É nesta perspectiva de renovação do ensino dos conhecimentos geográficos que este trabalho se ancora e que a produção de vídeos por estudantes na sala de aula faz suas bases. Compreendendo assim, o professor como mediador de dados, informações e conhecimentos, e não um reprodutor de aulas, que transmite conteúdos. Desta forma, pode-se afirmar que a Geografia e o seu ensino contribui na leitura e interpretação do espaço onde o aluno está inserido. Nesta linha, pode-se dizer que o estudante tem voz, vez e atua verdadeiramente nos diversos espaços de aprendizado, tendo as suas histórias e seus conhecimentos considerados na construção dos seus próprios saberes na escola (VESENTINI, 2004).

Este movimento tem causado, muitas vezes de forma lenta, um processo de inovação no campo do Ensino de Geografia, orientando pesquisas à nível de graduação e pós-graduação, a

respeito das metodologias ativas e inovadoras nas escolas, em busca de uma excelência educacional e na direção de melhorar a aprendizagem dos alunos, tornando-a mais significativa, dando subsídios para uma formação cidadã, contribuindo para a construção da sua identidade, avançando na ideia de que “[...] a geografia não se refere à informações e dados e que esses, isolados, pouco representam para a compreensão do mundo em que vivemos” (GOULART, 2014, p.21).

Goulart (2014, p. 23) alerta que aprender geografia vai muito além “[...] de exercitar a cópia de mapas, o preenchimento de cruzadinhas, a construção de maquetes e roteiros de casa à escola, entre outras tantas atividades”. Para a autora, “[...] “aprender significa estabelecer um diálogo com o conhecimento, isto é, pensar sobre aquilo que está sendo produzido, questionando as diferentes etapas e estabelecendo conexões com os conceitos já construídos, tanto em geografia como em outras áreas do conhecimento” (GOULART, 2014, p.23).

Neste sentido, a produção de vídeo através da construção de narrativas videográficas possibilita um aprender significativo, fazendo o estudante analisar e questionar a realidade e o espaço geográfico, conectando conceitos não só da Geografia, mas dos diversos componentes curriculares, integrando saberes das diferentes áreas do conhecimento.

A ideia de narrativas geográficas ou narrativas videogeográficas aproxima-se do que Callai (2005, p. 227) chama a atenção a respeito da importância do aprendizado em Geografia no Ensino Fundamental, pois é “[...] a partir da leitura do mundo, da vida e do espaço vivido [...]”, que o estudante constrói o seu conhecimento, oportunizando assim, o que a autora chama de Alfabetização Espacial. Assim, as narrativas videogeográficas constituem-se como um processo de estudo e compreensão do mundo, de modo que ao estudar o lugar, compreende-se o mundo, sendo dessa forma narrado através das imagens em movimento, produzido a partir do audiovisual. A partir da sua leitura do mundo, o discente cria ou apresenta discursos e saberes que estão ligados à perspectiva geográfica, construindo histórias, narrativas pessoais e/ou coletivas. Originando, desta forma, vídeos com curta ou média duração, através dos diversos gêneros cinematográficos. Assim, de acordo com Santos (2022), o estudante,

[...] ao produzir roteiros de gravação para suas peças videográficas, precisa angariar esforços cognitivos, com a mediação do professor, para fazer com que sua produção esteja alinhada às questões locais e até mesmo globais, variando entre as diversas escalas. (SANTOS, 2022, p. 26).

A prática da produção de narrativas videogeográficas no espaço escolar preconiza a ludicidade, articulando as experiências vivenciadas pelos educandos, assim, fazendo com que o professor desenvolva um trabalho sistematizado e organizado e alinhado com as competências e habilidades essenciais para a formação do sujeito do século XXI, que estão prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC (BRASIL, 2017), documento normativo o qual apresenta um conjunto essencial de aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver durante toda a Educação Básica, ressalta que no seu percurso formativo na educação básica, o estudante deve desenvolver dez competências gerais, pois assim será capaz de mobilizar “conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p.8).

Além das competências gerais, a BNCC estabelece, para o Ensino Fundamental, etapa em que este trabalho tem foco, algumas competências específicas para cada área do conhecimento e um conjunto de habilidades para cada componente curricular, que estão organizados de acordo com o ano/série. Em se tratando das Ciências Humanas, o documento aponta sete competências específicas.

Este conjunto de competências gerais e específicas, bem como as habilidades, têm sido norteadoras para as práticas não só no ensino de Geografia, mas de todos os componentes curriculares nas escolas brasileiras. O professor de posse deste documento define como abordará as competências e habilidades em sala de aula, fazendo o uso dos objetos de conhecimentos a serem estudados pelo aluno, constituindo assim, um excelente ponto de partida para a construção de roteiros para a produção de vídeos pelos estudantes.

O vídeo, juntamente com o cinema e a fotografia, caracteriza-se como uma linguagem contemporânea, própria do mundo virtual e digital, dado seu recente aparecimento e proximidade com o ciberespaço. Esta linguagem é capaz de concatenar as diversas formas de expressões humanas. Santos (2022) lembra que o audiovisual, devido a sua capacidade de junção das diversas linguagens humanas, está alinhada às propostas metodológicas inovadoras, pautadas na aprendizagem significativa e nas múltiplas inteligências, contribuindo para a elaboração e construção dos conhecimentos por parte dos estudantes. Assim, “[...] os jovens não são apenas

representados no ‘discurso/imagem’ da mídia, mas se tornam sujeitos de uma narrativa audiovisual atualizada no vídeo” (PIREZ, 2010, p. 287)

Pirez (2010, p. 284) ao apontar o audiovisual como linguagem afirma que “[...] transformamos o invisível em visível por meio da linguagem, que constrói uma visão tátil, um pensamento visível. A palavra transforma-se em ato. Revelamos o mundo e nos revelamos para o mundo”, o que é bastante perceptível em uma produção audiovisual. A autora continua afirmando que o vídeo, ao surgir na década de 1960, “[...] provocou uma ruptura sem precedentes no universo das imagens técnicas pelas experimentações e formas de apropriação que esse meio possibilitou.” Para a autora, o vídeo

[...] é uma imagem tecnológica que sempre teve problemas de identidade, pois surge entre o cinema e a imagem infográfica, transitória e marginal entre universos de imagens fortes e bem definidas. Movimenta-se entre a ficção e o real, o filme e a televisão, a arte e a comunicação. (PIRES, 2010, p. 284).

Quanto a presença do audiovisual nas escolas brasileiras, Draibe e Pezes (1999) informam que se deu massivamente através da resolução nº 15, do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), de 15 de junho de 1995, o qual instituiu o Programa de Apoio Tecnológico implementando, equipando as instituições públicas de ensino com um Kit Tecnológico e criando o Canal televisivo “TV Escola”, com conteúdos exclusivamente educativos, transmitido para o país inteiro em circuito fechado. O kit era composto por uma televisão, um videocassete, uma antena parabólica e fitas de VHS. Franco (1993, p.16), assegura que desde a década de 1920, existem grandes esforços de introduzir o uso de filmes em sala de aula.

Em muitas escolas, este programa foi operacionalizado através das chamadas Salas de Vídeo ou Salas de Múltiplos Meios. Esta iniciativa do governo federal em fomentar a presença de um aparato tecnológico constituiu-se como inovadora, uma vez que equipou as instituições no que diz respeito à presença do audiovisual. Santos (2022, p.48) lembra que “[...] ainda são encontrados vestígios desta política nas instituições escolares, em que alguns professores agendam, previamente, um horário para levar uma turma à Sala de Vídeo e exibir produções cinematográficas.” acrescentando que “[...] entretanto, os equipamentos se modernizaram e foram substituídos por um projetor de imagens acoplado a um computador e caixa de som”. Vale lembrar que muitas escolas não têm mais estas salas.

Do ponto de vista didático-pedagógico, o potencial do vídeo, no que tange a aprendizagem, pode ser potencializado, caracterizando-se assim como uma estratégia, tanto na sua reprodução, quanto na sua produção pelos alunos. Observa-se que há vídeos de diversos tamanhos, com as mais diversas qualidades, sobre os mais variados assuntos.

Quando o audiovisual é utilizado como instrumento de construção de conteúdo elaborado pelos alunos, este caracteriza-se como uma edificação de conhecimento. Sua produção, no espaço escolar, assume assim as características de uma proposta ativa capaz de proporcionar uma verdadeira apropriação dos objetos do conhecimento, de modo significativo, principalmente quando estão relacionados com o espaço vivido pelos educandos. Ferrés (1996, p. 20), propõe seis modalidades do uso do vídeo em sala de aula, que são: "[...] a videolição, o videoapoio, o videoprocesso, o programa motivador, o programa monoconceitual e o vídeo interativo." É na abordagem do vídeo como processo que este trabalho está ancorado.

De acordo com Santos (2022, p. 56), "[...] o *videoprocesso* se caracteriza como a modalidade em que a câmara possibilita a aprendizagem. Nesta estratégia, os estudantes viram criadores, sujeitos ativos", tendo a oportunidade de participar, de criar. Exige-se assim, nesta modalidade, um compromisso, uma dinamicidade que as demais apontadas por Ferrés (1999) não permitem.

No que diz respeito a produção de vídeos pelos estudantes, no componente curricular de Geografia, Reis (2017), a vê como uma solução capaz de transpor a questão da escala geográfica dos lugares, uma vez que possibilita ao aluno relacionar a geografia local com diversos lugares, em diversas escalas, sejam elas regionais ou globais. O autor ainda afirma que o vídeo como estratégia, "[...] favorece o processo de aprendizagem sobre o lugar, na medida em que atribui aos discentes o papel de sujeitos ativos nas etapas de produção videográfica, possibilitando uma efetiva articulação entre os conceitos e as realidades nos lugares de vivência na escola" (REIS, 2017, p.12).

Destarte, o aluno, ao produzir uma narrativa videogeográfica na sala de aula, coloca em prática as diversas habilidades previstas pela BNCC (BRASIL, 2017), não só no componente de Geografia, mas em Português, Matemática, Ciências, História, Artes, dentre os outros.

No caso dos estudantes do 5º ano, ao elaborar uma narrativa videográfica, precisarão angariar esforços para realizar uma análise das dinâmicas populacionais da sua Unidade Federativa, vindo a apresentar ao público-alvo do seu vídeo diferentes informações referentes ao seu estado, podendo assim abordar o processo migratório, por exemplo.



Em outra narrativa, a criança ou adolescente poderá também comparar e evidenciar - através das imagens coletadas da sua própria realidade - algumas características do campo e da cidade; identificar e propor soluções para os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais em seus lugares de vivências (BRASIL, 2017). Ao realizar entrevistas com as pessoas, ao apresentar cenas de lugares, ao fazer ângulos, mesclar imagens, sons, movimentos, o aluno poderá mostrar ao mundo as suas narrativas construídas sob o seu olhar.

## **2.2. Aspectos metodológicos: pilares de sustentação do produto educacional oriundo de um mestrado profissional**

Este artigo é oriundo de uma pesquisa, que por se tratar de um programa de pós-graduação - mestrado profissional - aborda elementos práticos de uma determinada profissão ou área do conhecimento. Assim, o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte possibilita que o estudante, ao final do seu percurso formativo, elabore um produto educacional, que pode ser uma sequência didática, manual instrucional, atlas geográfico, software, aplicativo de celular, relatório técnico, vídeo, dentre outros.

Desta forma, foi escolhido como produto educacional a elaboração de um manual orientador para a produção de vídeos por estudantes do Ensino Fundamental. Assim, o "**MANUAL INSTRUCIONAL: aprendendo a gravar vídeos nas aulas de Geografia**", que foi desenvolvido no biênio 2021-2022. Para a sua produção, ocorreu uma sequência de ações metodológicas, fundamentadas na metodologia da ciência. Portanto, a sua feitura se deu no âmbito da pesquisa aplicada, sendo sua abordagem qualitativa, uma vez que visou responder a uma questão relacionada às Ciências Humanas, onde busca, através dos significados e atitudes compreender os acontecimentos do cotidiano escolar de uma instituição educativa, situada na zona rural do município de Santana do Matos/RN no que diz respeito ao Ensino de Geografia em uma etapa da Educação Básica.

Como procedimento metodológico realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo seus fundamentos na técnica da revisão sistemática (GALVÃO; PEREIRA, 2014), o qual oportunizou o estudo da arte sobre o Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino de Geografia e a compreensão do uso do vídeo no espaço escolar. Para ampliar este estudo, foi necessária uma revisão integrativa, dando assim, sustentação às discussões teóricas deste estudo.

Após a pesquisa exploratória, foi aplicado um questionário eletrônico com os estudantes matriculados no 5º ano, na turma tinham 20 estudantes matriculados, destes 14 participaram das atividades propostas, que pretendia compreender a relação dos alunos com as tecnologias e com os vídeos, seja no contexto escolar ou não.

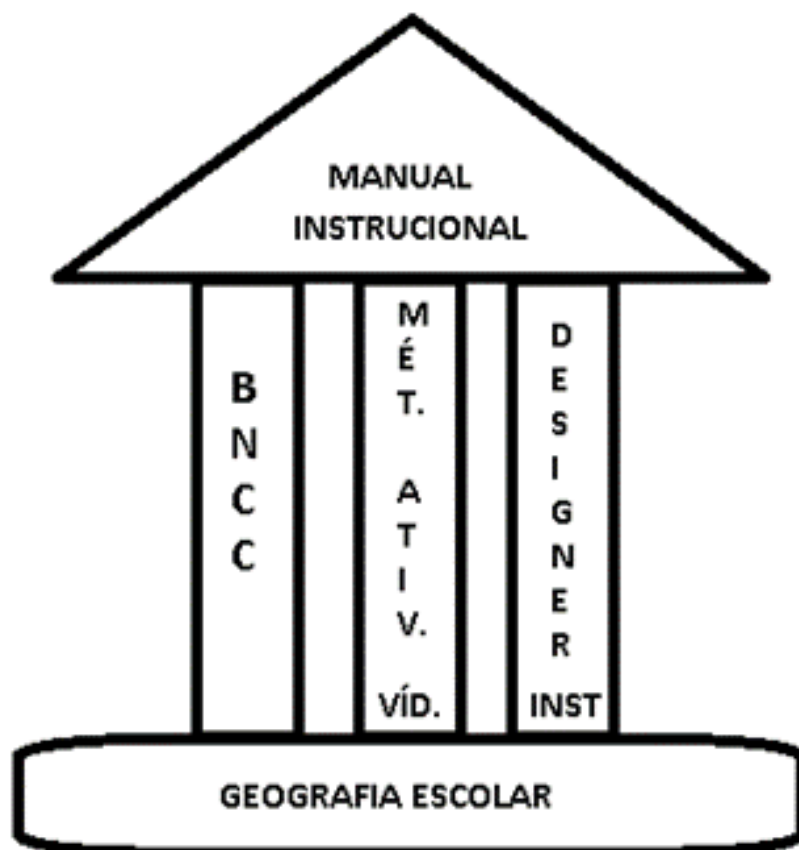
Realizou-se também uma sequência didática aplicada, com base no método da sala de aula invertida (BERGMANN; SAMS, 2016), ancorada nos preceitos do Ensino Remoto (GARCIA *et al.*, 2020). Esta etapa da pesquisa caracterizou-se como um pré-teste do manual instrucional, objetivando dar subsídios para melhoria da sua versão final. A aplicação da sequência também visava atestar a eficácia da produção do vídeo sobre o lugar, por parte dos alunos e, a respeito dos seus aprendizados nas aulas de Geografia. Ao final desta etapa houve a produção de um total de 9 vídeos pelos alunos, que foram analisados à luz de uma ficha avaliativa que observava a técnica de produção do vídeo e os domínios do conhecimento demonstrado pelos alunos, apresentados na versão final do vídeo.

Estas etapas da pesquisa deram a sustentação científica à produção do produto educacional, e foram essenciais para estruturação e organização do Manual Instrucional, constando com aporte teóricos e técnicos para a sua elaboração. Neste sentido, destaca que o *Design* Instrucional (DI) e a Educação à Distância (EaD) caracterizam-se como duas fortes indutoras para a produção de materiais instrucionais. De acordo com Moulin e Pereira (2003) na elaboração dos manuais instrucionais deve-se partir de conteúdos significativos, ter proposições instigadoras, e em sua essência estimular o pensamento, partindo de operações simples até chegar às mais complexas. Dantas *et al* (2007, p.2), destaca que os princípios do *Designer* Instrucional são: a aprendizagem autônoma, cooperativa e significativa.

Compreendo essas questões, afirmamos que na concepção do “Manual Instrucional: aprendendo a gravar vídeos nas aulas de Geografia”, o aluno é um sujeito ativo, sendo visto como o centro do processo da aprendizagem, o professor é um facilitador e o manual é o instrumento que levará o aluno a produzir seus vídeos.

A organização do manual contém orientações pautadas nos preceitos do *Design* Instrucional, seus pressupostos teórico-metodológicos estão ancorados no tripé: 1) diretrizes nacionais e estaduais; 2) métodos ativos para produção de vídeos; e 3) Design Instrucional, acrescido de um quarto elemento, que também embasa este trabalho, a Geografia Escolar, conforme figura 01.

**Figura 01:** Pressuposto teórico-metodológico do Manual Instrucional



Fonte: Santos, 2022.

A BNCC e o Referencial Curricular do Rio Grande do Norte constituem-se como às *diretrizes nacionais e estaduais*, sendo assim os documentos balizadores para construção do produto aqui apresentado, uma vez que eles apresentam as competências, objetos do conhecimento e habilidades previstas para a Educação Básica. Já os *métodos ativos* assumem um aspecto central tendo o estudante como centro do processo de aprendizagem sendo sujeito principal para produzir os *vídeos* com temáticas da *Geografia Escolar*. E por fim, o *Design Instrucional* dá a sustentabilidade técnica para o manual. A organização técnico-pedagógica do manual instrucional é a seguinte: diagramação, estética e estilo gráfico, que foram pensados para instigar os alunos a embarcarem na jornada da construção de narrativas videogeográficas.

Em sua constituição, o manual instrucional é composto por uma carta-pedagógica destinada ao professor, uma carta-convite ao aluno, cinco módulos, acrescidos de algumas palavras finais, referências e um anexo com lista de eventos sobre festivais de cinema. A **carta-pedagógica** além de apresentar o produto, orienta o professor no desenvolvimento das atividades previstas no manual.

Já a **carta-convite** convoca e instiga o estudante a embarcar na produção de vídeo como narrativa geográfica.

Os **cinco módulos** constituem a parte central do manual e contém o passo-a-passo para a elaboração de uma peça de audiovisual, em suas linhas existem dicas, sugestões e direcionamentos que encaminham os estudantes nas etapas de pré-produção, produção, gravação, edição e divulgação, indo desde a elaboração do roteiro, a escolha de equipamentos, escolha de aplicativo para edição e publicação da versão final do vídeo.

O manual está disponível para acesso na aba “Documento > Material didático”, no sítio do GEOPROF/UFRN ([https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/documentos.jsf?lc=pt\\_BR&id=9110&idTipo=5](https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=9110&idTipo=5)), com o arquivo intitulado de “Produto Educacional - Manual Instrucional: Aprendendo a gravar vídeos nas aulas de geografia” ou pode ser visualizado a partir do anexo do Relatório Técnico, disponível no endereço: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48462>.

### **2.3. O impacto do manual no ensino de geografia: desdobramento didático-pedagógico**

O Manual Instrucional “Aprendendo a Gravar Vídeos nas Aulas de Geografia” foi produzido com o intuito de contribuir com as metodologias de ensino ativas na área das Ciências Humanas. Neste sentido impacta o planejamento, por conseguinte a ação docente, ressignificando a prática didático-pedagógica e se constitui também como um instrumento de avaliação, torna-se uma estratégia de aprendizado inovadora para o ensino das competências e habilidades da Geografia, como também as competências gerais da BNCC, são facilmente atingidas quando o estudante se propõe a produzir uma narrativa videogeográfica.

No que diz respeito ao planejamento, ao pensar a trilha do caminho a ser seguido, após definir os objetos do conhecimento, que podem ser vários, uma vez que o estudante escolherá o que irá produzir em sua narrativa videogeográfica, o professor deverá compreender a estrutura do manual, onde perceberá que qualquer tema, conteúdo e diversas habilidades podem ser utilizadas. Neste sentido, ao tomar conhecimento da abordagem e direcionamentos do produto aqui apresentado, o professor terá mais liberdade pedagógica para abordar livremente o que deseja desenvolver na sala de aula, possibilitando a compreensão de problemas em pequena, média ou grande escala.

Na ação docente-discente, a prática do uso de vídeo nas aulas de Geografia, coloca o professor na ação junto com o aluno, em que aquele é responsável pela mediação dos conhecimentos do componente e, com as orientações do manual, consegue fazer com que o estudante desenvolva a sua produção audiovisual, mesmo sem o docente ter conhecimento técnico sobre tal atividade, uma vez que o manual orienta desde a seleção dos objetos do conhecimento, passando pela etapa de roteirização, sugestão de equipamentos e seus usos, chegando na gravação, edição e publicização. Logo, cabe ao professor esclarecer as dúvidas dos estudantes e propiciar o ambiente necessário para que a criatividade, imaginação, a relação entre escalas, as categorias geográficas e seus saberes, possam ser interconectados e construídos.

No que diz respeito ao quesito avaliação, durante a produção das narrativas videográficas, o professor consegue identificar o desenvolvimento da construção do conhecimento do estudante ao longo da produção do vídeo, bem como pode utilizar o produto final do vídeo para avaliar, do ponto de vista do conteúdo e das habilidades, as aprendizagens dos estudantes através das narrativas apresentadas no seu vídeo.

Ao percorrer o processo de produção audiovisual, o estudante deixa pista do seu percurso de aprendizagem e os diversos instrumentos, que estão disponíveis ao longo do Manual Instrucional, podem servir como avaliação, em que o professor terá subsídio para reorientar os conhecimentos e os caminhos trilhados. Um deste instrumento é o próprio roteiro de gravação. Outros aspectos podem ser observados e avaliados, tais como a organização, articulação, análise da realidade, interação com os colegas parceiros, dentre outros, estes vão além dos aspectos quantitativos e dizem respeito às questões qualitativas da avaliação. Neste sentido, a ênfase não é dada à nota, mas ao aprendizado de fato que o estudante constrói ao longo de uma produção audiovisual.

Para além da reprodução do conhecimento, indo na linha da sua construção, da elaboração de saberes geográficos, o estudante, para criar uma narrativa, mobilizará os conhecimentos que aprendeu ao longo da vida, seja sobre sua comunidade, os seus problemas e apresentar possíveis soluções, do ponto de vista ambiental, social, econômico e/ou político, seja nos bancos escolares, através de aulas expositivas, dialogadas ou outras estratégias metodológicas.

O vídeo, produzido com o auxílio do manual, atrelado aos conhecimentos da ciência geográfica, contribui para uma formação cidadã, pois ele oportuniza que suas vozes, falas, dizeres, olhares, posturas, medos, sonhos, desejos, sejam ouvidos e vistos e por que não, sentidos?

Quanto de conhecimento, não só geográfico, um estudante mobiliza ao produzir um vídeo? Ao pesquisar a história da sua comunidade e ao final desta pesquisa apresentar uma peça videográfica, que contribuição será essa para a sua comunidade e/ou bairro, cidade, estado ou país que ele reside? Essas questões são norteadoras para compreendermos melhor o impacto, que algumas das vezes não são mensuradas do ponto de vista do ponto de vista pedagógico, social e até mesmo das aprendizagens escolares apreendidas durante a produção de um vídeo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, compreendemos um pouco sobre o impacto dos avanços tecnológicos na sociedade e como estes têm reverberado no fazer docente, dentro do espaço escolar, tendo os aparelhos de *smartphone* como um forte aliado para uma proposta metodológica pautada nos métodos ativos, colocando o estudante no centro do processo da aprendizagem, tornando este o mais significativo possível.

Ao perceber essas mudanças, o uso de audiovisual no componente de Geografia torna-se uma estratégia metodológica de ensino capaz de fazer com que ao produzir uma narrativa videogeográfica o estudante esteja a elaborar, reproduzir e produzir novos saberes geográficos.

Assim, o manual instrucional, aqui apresentado, para a produção de vídeos por alunos do Ensino Fundamental, leva em conta objetos do conhecimento, habilidades e as competências gerais propostas pela BNCC. Através dos seus preceitos teóricos, técnicos e organizacionais têm um profundo desdobramento do ponto de vista da aprendizagem no ensino de Geografia. Acrescenta-se que o uso do manual constitui como uma verdadeira possibilidade de desenvolvimento das mais diversas competências previstas na Base Nacional Comum Curricular, sobretudo àquelas que versam sobre comunicação, argumentação e cultura digital, dentre outras. Bem como auxilia o professor na hora do planejamento, da ação docente e na avaliação da aprendizagem dos estudantes que estarão usufruindo do manual instrucional.

#### 4. REFERÊNCIAS

BERGMANN, J.; SAMS A. **Sala de Aula Invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Editora LCT, 2016.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In Cadernos CEDES. Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. Campinas, Vol. 25, n. 66, p. 129 -272, maio/ago.2005. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5360655/mod\\_resource/content/1/Texto%201.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5360655/mod_resource/content/1/Texto%201.pdf)>

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaios de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

DRAIBE, S. M; PERES, J. R. O programa Tv Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. **Cadernos de Pesquisa**, nº 106, p. 27-50, março/1999. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/n106/n106a02.pdf>>. Acesso em: 03 de fev. 2021.

FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRANCO, M. da S. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In FRANCO, M. da S; et al. **Coletânea lições com o cinema**. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993. 172p.

GALVÃO T. F.; PEREIRA M. G. **Revisões sistemáticas da literatura**: passos para sua elaboração. *Epidemiol Serv Saude*. 2014, jan-mar, 23 (1):183-4.

GARCIA. T. C. M; MORAIS, I. R. D; ZAROS, L. G; RÊGO, M. C. F. D. **Ensino remoto emergencial**: proposta de designer para organização de aulas. Natal: SEDIS/UFRN, 2020.

GOULART, L. B. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

MOLIN, B. H. D. *et al.* **Mapa referencial para construção de material didático para o programa e-Tec Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em <[www.etec.ufsc.br/file.php/1/Mapa\\_Referencial\\_UFSC\\_comcapa.pdf](http://www.etec.ufsc.br/file.php/1/Mapa_Referencial_UFSC_comcapa.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PIRES. E. G. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ep/a/w7hTMM4d6gsYgDRtjscDNVp/?lang=pt>>. Acessado em 25 de janeiro de 2023.

REIS, L. da S. **A produção videográfica como metodologia para o ensino de geografia**: abordando o conceito de lugar. Natal: UFRN, 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24912>>. Acessado em 15 de novembro de 2020.

TONINI, I. M. **Geografia escolar**: uma história sobre seus discursos pedagógicos. Ijuí-RS: Ed.Unijuí, 2006. 88p.

VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

*Artigo recebido em: 06/07/2023.  
Aceito para publicação em: 15/07/2023.*